

Nota sobre os “debates”



Por MARCELO GUIMARÃES LIMA*

No atual contexto naturalizar a extrema direita e seu Führer é naturalizar o regime golpista sob o qual vive e padece a maioria.

Sobre os recentes debates tenho lido variadas apreciações, sobretudo no campo progressista que revelam alguma frustração com a performance “comedida” de Lula frente ao Inominável líder (por quanto tempo ainda?) da extrema direita brasileira. Quer me parecer que a maioria destas avaliações assumem como dado aquilo que é no meu entender o essencial da questão: o próprio debate na sua forma e conteúdo.

A rede de televisão e suas associadas que promoveram o último debate dos candidatos a presidente (17/10) se congratulam repetidamente do (seu) triunfo da “democracia” brasileira. Qual democracia? A pergunta seria talvez interessante ou talvez seria uma pergunta simplória, ingênua, a ser portanto evitada.

O escarcéu de jornalistas pavoneando abertamente o narcisismo espetacular do espetáculo midiático serve ao menos para deixar claro que o sujeito efetivo destes debates não é “o processo político, a democracia, a opinião pública”, mas é a mídia monopolizada ela mesma que se substitui àquilo que aparece simplesmente apresentar tal e qual.

Na histórica subdemocracia brasileira, o papel essencial da chamada grande mídia, os monopólios familiares da comunicação de massas, é contribuir para naturalizar a pseudopolítica, a ilusão geral do poder dito representativo, que o é certamente no que diz respeito à minoria dos donos da nação. Jair Bolsonaro, não custa repetir mais uma vez, é o retrato escarrado, sem firulas e sem retoques, da classe dominante brasileira. O mitómano e seus cúmplices expõem demasiado abertamente a fratura, o *apartheid* social-racial brasileiro, a violência sem tréguas das relações de classe no Brasil hoje.

Daí talvez a necessidade de parte da burguesia de “abrandar” a face abjeta da exploração, de retirar o Capitão do Baixo-Clero da presidência para que a espoliação do povo e da nação possa continuar “neoliberalmente”. A Faria Lima, a ala “moderna” do agronegócio, os juristas ciosos das suas prerrogativas, entre tantos outros, parecem reconhecer finalmente que os tradicionais representantes da cleptocracia nativa ao unirem-se alegre e afoitamente ao aventureiro neofascista deram um passo maior que as pernas e correm o risco de pôr a perder o regime golpista atual nos desafios da crise brasileira e mundial.

No atual contexto naturalizar a extrema direita e seu Führer é naturalizar o regime golpista sob o qual vive e padece a maioria. Este é o papel da mídia, de seus jornalistas amestrados e demais colaboradores face às dificuldades que se apresentam interna e externamente para a continuidade do atual regime fraturado entre os vários bandos de assaltantes e parasitas do tesouro nacional que competem entre si.

Em tal cenário, acreditar que o debate poderia dar outros frutos é esperar demasiado, é talvez desconhecer ou menosprezar as imposições do contexto e das estruturas vigentes. As quais, por não serem eternas, procuram adaptar-se aos ventos contraditórios que sopram dentro e fora do país, mudando para que tudo continue igual.

*Marcelo Guimarães Lima é artista plástico, pesquisador, escritor e professor.